



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de apresentação dos resultados das ações governamentais para o setor sucroenergético no período 2003-2010

Ribeirão Preto-SP, 23 de novembro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras que estão participando deste evento,

Eu queria pedir desculpas a vocês, porque eu não vou ler a nominata. Ninguém aqui é candidato a vereador, ninguém é candidato a deputado federal ou estadual, portanto, eu vou ganhar um pouco de tempo.

Eu queria, falando o nome de um velho companheiro meu de Ribeirão Preto, que está aqui presente, aos 80 anos de idade, depois de ouvir nove discursos, eu queria, cumprimentando o David Aida, cumprimentar todas as pessoas que estão participando deste evento.

Dizer para vocês que o meu discurso ficou prejudicado, porque tudo que eu dizer aqui o Hélio disse um pouco, a Contag disse o outro, o Wagner Rossi disse o outro, o Gabrielli disse o outro, a Única disse outro, o Dulci disse outro. Então, o meu discurso está superado, vencido e não vai ser lido. Não sei se é bom ou ruim para vocês, porque o problema do improviso é que você, muitas vezes, fica dizendo “e para terminar”, “e para terminar”, “e para terminar”, “e para terminar”, e a gente não termina, parece carro velho que não usa etanol, tentando subir uma subida com uma reduzida bem daquelas amargas.

Mas, companheiros e companheiras, nós hoje viemos aqui cumprir a primeira etapa de um projeto que nós estamos construindo há pelo menos cinco anos. Desde o lançamento do PAC que o alcoolduto está previsto para trazer o nosso etanol do estado de Goiás, passando por Minas Gerais, passando por Ribeirão Preto, chegando a Paulínea e chegando a São Sebastião, ao Rio de Janeiro e outros lugares.



Quando nós pensamos que a Petrobras deveria colocar na sua programação o alcoolduto, nós estávamos trabalhando com uma festa imensa, promessas e mais promessas de que o mundo inteiro iria começar a usar etanol, a Europa tinha aprovado utilizar 10% de etanol até 2020, alguns países dentro da União Europeia, como Portugal, tinham antecipado para 2010, o Japão imaginava que iria introduzir 3% de etanol no seu combustível, e aqui começaram a chegar empresários de todos os lugares do mundo. Houve um tempo em que os prefeitos estavam tentando comprar terra dos vizinhos para poder implantar as usinas que iriam se instalar nos estados produtores de cana.

Isso não aconteceu, e não aconteceu por uma razão: porque o chamado “mundo desenvolvido” não fala com a mesma coerência de livre comércio que nós falamos, porque não é possível alguém falar em livre comércio e criar sobretaxa para o etanol brasileiro quando não se cria sobretaxa para outros produtos, inclusive para outras fontes energéticas, significa que há uma disputa concreta. E o Brasil precisa perceber que na medida em que nós já não somos pequenos, na medida em que nós não somos apenas uma promessa, nós começamos a competir, em igualdade de condições, eles começam a colocar obstáculo no nosso produto. Eles colocam obstáculo na qualidade da carne brasileira. E quem coloca obstáculo na qualidade da carne brasileira? São aqueles mesmos que têm a doença da vaca louca, são aqueles mesmos que não souberam cuidar do seu rebanho, que tentam acusar o Brasil de não produzir carne de qualidade.

O discurso do ministro Luiz Dulci é uma verdade que nenhum produtor pode esquecer. Nós cansamos de participar de debate no mundo inteiro e, muitas vezes, os países ricos financiam ONGs para dizer que a cana-de-açúcar tem trabalho escravo neste país, que o álcool nosso é produzido com trabalho escravo, com trabalho infantil. E tudo isso é vantagem na disputa comercial que nós temos que fazer no mundo, e isso vai valendo para outros produtos



brasileiros, na medida em que o Brasil começa a ganhar importância, na medida em que o Brasil começa a disputar mercado para valer e na medida em que o Brasil deixa de pedir licença para mostrar que é grande, competente e que tem condições de competir em igualdade de condições.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu acho que nós atravessamos um momento extraordinário na nossa vida. Eu acho que nós temos clareza de que as coisas que nós conseguimos construir aqui, juntos, não tem dono, não tem empresário, não tem presidente da República e não tem trabalhadores, foi uma coisa que nós construímos juntos, ou seja, foi quase uma quebra de preconceitos, o estabelecimento de uma política de confiança, conversar para que a gente pudesse se entender. E foi com muito, mas com muito carinho, que vários empresários, em conversas comigo, representadas junto com o (incompreensível) entenderam que a grandeza da introdução do nosso etanol no exterior passava pelo fato de a gente poder vender a ideia da humanização das relações de trabalho aqui no Brasil.

E quero, Dulci, dar os parabéns à Secretaria-Geral da Presidência da República, em teu nome e em nome da tua... dos teus assessores, em nome dos sindicatos e em nome dos empresários, porque vocês não têm dimensão do trabalho que vocês estão prestando ao nosso país, fazendo com que todos, todos possam ser um pouco mais respeitados lá fora e que a gente possa utilizar o que vocês fizeram como vantagem comparativa na negociação da introdução do nosso etanol no chamado “mundo desenvolvido”.

Além disso, é importante que a gente saiba que estamos vivendo um momento, eu diria, quase mágico no nosso país. Eu não sei... Eu vou terminar o meu mandato no dia 31 de dezembro agradecendo a Deus pela generosidade, por ter me dado paciência em momentos difíceis, por ter tido a competência de conversar quando é mais fácil brigar, por ter tido, eu diria, a sensibilidade de ouvir quando seria mais fácil falar, de ter tido a sensibilidade de compreender coisas que antes eram incompreendidas por mim e de fazer



com que esse comportamento permitisse que o Brasil pudesse se transformar em um país respeitado no mundo inteiro.

Na semana passada, o jornal O Valor traz um estudo sobre os ganhos, os lucros das empresas de capital aberto. E todas elas, sem distinção, ganharam no meu governo mais dinheiro do que ganharam em toda a história em que foi medido o lucro dessas empresas no país. Mas isso vale para todas as outras empresas, isso vale para todas as outras empresas. Isso vale para a construção civil como um todo, da pequena, média e grande. Isso vale para a Petrobras que, quando nós chegamos ao governo valia apenas US\$ 15 bilhões no valor de mercado, e hoje vale (incompreensível) US\$ 200 bilhões no mercado. Valia, para uma Petrobras que participou, há três meses, da maior capitalização da história do mundo capitalista... eu falo isso com orgulho, Maurílio, porque tinha que ser um metalúrgico, que passou a vida inteira dizendo que era socialista, para chegar a este país e dizer que nós tínhamos um bando de capitalistas de meia cara, porque falava de capitalismo quando o país não tinha capital.

Eu vou dar um exemplo para vocês. Este país, a Caixa Econômica não tinha dinheiro para financiamento, eram apenas US\$ 5 bilhões quando eu cheguei ao governo. O Banco do Brasil não tinha dinheiro para financiar crédito, o BNDES, o máximo que fazia era de US\$ 30 a 38 bilhões e levava 275 dias para aprovar um projeto. O Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito. Hoje, a Caixa Econômica Federal sai de 5 para mais de R\$ 77 bilhões de reais/ano. Hoje, o Banco do Brasil sozinho tem tudo que o Brasil tinha há oito anos. E o Brasil, que tinha apenas 380 bilhões hoje tem mais de R\$ 1 trilhão e 600 bilhões disponibilizado para crédito neste país.

Eu sei que tem gente que faz política todo dia e toda hora. Na agricultura, por exemplo, (incompreensível), você é testemunha: nós fizemos uma negociação com a agricultura brasileira que há mais de 30 anos os agricultores brasileiros queriam fazer e nós fizemos, fizemos. E fizemos o maior



plano de financiamento da história da agricultura brasileira, tanto para o agronegócio quanto para a agricultura familiar. E nós fizemos isso porque entendemos que quanto mais for civilizada a relação do Estado com a sociedade, mais todos ganharão. O que acontecia no Brasil, e eu disse isso a muitos produtores de etanol neste país, e de açúcar, é que os governantes tratavam os usineiros como se fossem uma doença. Talvez até na época da eleição, para pedir dinheiro para a campanha, usineiro valesse alguma coisa, mas depois eles tinham vergonha, tinham vergonha porque diziam que usineiro vivia às custas do dinheiro do Estado brasileiro, porque não sei das quantas. Ou seja, pegava um, dois, ou três ou quatro maus exemplos e tentavam colocar todo mundo no mesmo bojo.

Eu nunca perguntei, mas eu tenho certeza de que quando eu fui candidato, em 2002, 99% votaram contra mim de [por] medo de mim. Não sei quantos votaram já em 2006, não sei quantos votaram na Dilma em 2010. Mas hoje eu posso, ô Marco, chegar a qualquer lugar deste país, do Nordeste ao Sudeste, ao Centro-Oeste, pode até ter usineiro que não gosta e que não vota, mas ele terá que olhar para mim e dizer: “Ô baixinho, tu foste o que melhor cuidaste da gente e o que melhor respeitaste a gente e nos trataste como cidadão”. Não tenho dúvida disso.

E isso vale para outros setores. Está aí o Luiz Nascimento, da Camargo Corrêa, pergunte quantos trabalhadores ele tinha em 2003 e pergunte quantos ele tem agora. É tanto que a boca nem consegue pronunciar a quantidade de trabalhadores. Saiu acho que de 15 ou 20 mil para 77 mil. A Petrobras saiu de 40 para 77 mil trabalhadores. E isso é em todos os lugares deste país. Não existe um município brasileiro, e o que a prefeita disse aqui, não só porque falou bem de mim, eu assino embaixo. Eu duvido que tenha um prefeito – e aqui eu sei que tem muitos prefeitos, – duvido que tenha um prefeito neste país, que seja do PSDB, que seja do DEM, que seja do PMDB ou de qualquer partido político, que possa dizer que não foi atendido no meu governo porque



pertence a outro partido político. Duvido.

Então, eu penso que o momento que nós estamos vivendo é o momento da autoafirmação do Brasil. Vocês sabem que eu sempre achei que a eleição, fazer o sucessor é uma obra programática de quem está no governo.

E todo mundo sabe que quando eu indiquei a companheira Dilma para ser candidata à minha sucessão, muita gente que pensa que entende de política dizia: “Ah, esse Lula ficou louco, endoidou, endoidou. Como é que vai indicar uma mulher que não tem experiência política, que não militou nos grandes partidos, que nunca foi candidata a nada?” Era assim que as pessoas diziam, era assim que as pessoas diziam. Pois bem, nada melhor para este país que, depois da experiência bem-sucedida de um metalúrgico, a gente tenha uma mulher. Uma mulher para presidir este país, uma mulher que não vai receber nenhuma herança maldita. Se ela tiver que receber herança maldita, não é do governo dela e do meu, porque fizemos juntos, a herança maldita será da crise econômica de 2008, causada pelos países ricos, Europa e Estados Unidos, portanto será herança maldita de lá de fora, porque aqui dentro nós estamos crescendo.

Eu vou dar alguns dados para vocês. De todas as hidrelétricas que estão sendo construídas no mundo, o Brasil, hoje, está construindo as três maiores hidrelétricas em construção no mundo: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. Fazia 20 anos, desde 1980, que a Petrobras, não sei porque, decidiu que não ia fazer mais refinaria porque não precisava fazer refinaria. Pois bem, nós estamos fazendo a Refinaria de Pernambuco, estamos fazendo a terraplanagem na Refinaria do Maranhão. Já está legalizado, seu José Sérgio Gabrielli, o território da Refinaria em Fortaleza, no Ceará. E a Maria Clara está pronta para ser inaugurada no Rio Grande do Norte, quando Vossa Excelência quiser. Portanto, quem não queria fazer nenhuma está fazendo quatro: uma de 600 mil barris... Sim? Ah, e o Comperj, no Rio de Janeiro. É que eu nunca tratei como refinaria, eu trato como complexo petroquímico e não (incompreensível).



Então, estamos fazendo cinco novas refinarias.

Só para vocês terem ideia, coisa que a gente não fala, porque se a gente falasse iria facilitar a vitória da Dilma, é que só para transformar as nossas atuais refinarias em refinarias mais modernas, nós investimos, de 2003 até agora, US\$ 23 bilhões. Não é pouca coisa. Teve governo que ficou cinco anos, oito anos, dez anos e não conseguiu investir US\$ 25 bilhões porque não tinha, não é que não queria.

Bem, além disso, Gabrielli, além da refinaria, além de nós estarmos fazendo três das maiores ferrovias existentes hoje no mundo, ou seja, construídas no mundo, a Ferrovia Norte-Sul, nós vamos terminar agora, dia 20 de dezembro, em Anápolis, 1.513 quilômetros e vamos assinar o contrato para trazê-la até Estrela d'Oeste, aqui, em São Paulo, para interligar, do Porto de Itaquí ao Porto de Santos. Ainda este mês, ainda este mês, nós vamos à Bahia anunciar o começo da Oeste-Leste, uma ferrovia ligando o Porto de Ilhéus, o Porto (incompreensível) que nós vamos fazer, até a Ferrovia Norte-Sul, em Tocantins. E o objetivo final é chegar com ela até Belém do Pará.

Além disso, estamos fazendo a Transnordestina, que é 1,7 mil quilômetros de ferrovia ligando o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, em Sergipe, para levar a soja que eles conseguirem produzir lá. Além disso, Luiz Nascimento, o que eu vou falar aqui, você confirma aí – este mês nós vamos lá inaugurar a famosa Eclusa de Tucuruí, que está prometida há não sei quantas décadas e agora nós vamos conseguir inaugurar. Essa é uma coisa extremamente importante.

Por último, a coisa mais fantástica... Você vê, Wilsinho, eu fui com você, lá em 1989... Eu não vou contar a história do avião, vou contar a conversa do Collor no avião. Tinham acabado as eleições, eu fui com o Wilsinho lá, e com uma outra pessoa, visitar a barça do Rio Tietê lá em São Simão, é isso? Pois bem, agora a Transpetro vai construir barça em Araçatuba. Essa hidrovia, que foi inaugurada ainda no tempo do governo Montoro e que só funciona com



20% de sua capacidade, pois bem, a partir de agora ela vai começar a funcionar com 100% da sua capacidade, porque a Transpetro vai assumir a responsabilidade de construir, contratar e comprar as barcaças que faltavam para a gente poder fazer um estaleiro no coração de São Paulo, onde não tem um braço de mar, mas tem a Transpetro, que vai fazer o que precisava ser feito há muito tempo.

Por último, companheiro David Aida, eu vou lhe entregar um país, você vai completar 82 anos, eu vou lhe entregar um país de que você vai se orgulhar, porque eu e o José Alencar somos, na história do país, os dois únicos que governaram o país que não tivemos diploma universitário. Não é motivo de orgulho, nós gostaríamos de ser, gostaríamos de ter mais que um diploma, um monte de diplomas, mas não conseguimos ter.

Entretanto, nós já passamos para a história do país como o presidente e o vice que fizemos mais universidades federais, mais escolas técnicas, e duplicamos a renovação de alunos nas universidades federais. Ou seja, em oito anos, nós fizemos uma vez e meia tudo o que foi feito em um século, em nível de escola técnica. Nós fizemos 14 federais, universidades novas, e 126 extensões universitárias. Saímos de 113 mil alunos, que era a renovação por ano, para 259 mil alunos, além do ProUni, que já tem 704 mil alunos fazendo universidade.

E isso é apenas o começo, porque, graças a Deus, o povo brasileiro, na sua sabedoria, venceu o ódio, venceu o preconceito, venceu o baixo nível da campanha, que acabou há poucos dias, e elegeu uma mulher, elegeu uma mulher para dar continuidade a isso, e para provar que a mulher pode ter muito mais capacidade do que o homem e que pode fazer muito mais. Porque eu digo sempre: não é justo que alguém pense que um ser humano, que é capaz de carregar um filho na barriga nove meses, gerar uma criança, criar essa criança, ter essa criança, educar essa criança, não ter a capacidade de cuidar de um bando de marmanjos como nós, seres humanos brasileiros.



Portanto, eu estou convencido de que a companheira Dilma vai tomar posse no dia 1º de janeiro e, daqui a algum tempo, companheiros, nós vamos nos encontrar em um encontro desses, e a companheira Dilma, que em vez de ter participado de debate provocado pelos adversários para discutir temas relevantes nacionais, ficaram discutindo a vida pessoal dela, eu espero que ela, após tomar posse, possa mostrar que as mulheres não querem mais ser tratadas como objeto, não querem ser tratadas como cidadãs de segunda classe, que as mulheres não querem mais ser só empregadas domésticas, não querem trabalhar em um posto de segunda categoria no escritório, e que as mulheres querem, podem e vão, definitivamente, governar este país com a grandeza da alma de mãe e de mulher.

Um abraço, gente. Parabéns à Petrobras, parabéns ao alcoolduto e sorte para nossa futura presidenta da República.

(\$211 A)